

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – NEAD/PROGRAD  
UNIREDE  
Curso de Especialização na Formação em Educação a Distância

CURSO DE MÚSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

LIGIA SIEBENEICHLER SACKSER

Curitiba  
2.002

LIGIA SIEBENEICHLER SACKSER

CURSO DE MÚSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Monografia apresentada para  
obtenção do título de Especialista  
no Curso de Especialização na  
Formação em Educação à  
Distância pela Universidade  
Federal do Paraná –  
NEAD/PROGRAD – UNIREDE.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Onilza  
Borges Martins.

Curitiba  
2.002

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
HISTÓRICO.....	03
CONCEPÇÕES TEÓRICAS.....	12
DESENVOLVIMENTO.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

## INTRODUÇÃO

Aprender hoje, é uma condição necessária às pessoas, organizações, comunidades, municípios, estados, países e à humanidade como um todo. No entanto, apesar de todo o conhecimento gerado, de todas as invenções desenvolvidas na área de tecnologias ou outras, muito pouco se evoluiu na forma pela qual as pessoas aprendem.

A aprendizagem ocorre no dia a dia, ao longo do tempo, Antônio Nóvoa, no livro de EAD - Educação a Distância, reflete sobre o que é importante ensinar e com que objetivo se ensina, continua falando que a escola ainda não mudou nada. A Escola deveria dar uma base para podermos seguir adiante e atualmente ela continua a mesma, formando mal os interessados.

Peter Senge no livro “A Quinta Disciplina”, fala sobre o desenvolvimento de um projeto, um programa de computador denominado a “Geometria da Tartaruga – LOGO”, que é um programa para as crianças descobrirem técnicas solucionadoras de problemas e para explorarem as inter-relações da matemática e da lógica. Deste projeto participaram 25 pessoas (pais, professores e estudantes), o qual enfim foi aprovado por este grupo para ser aplicado na escola como um todo. Mas após alguns treinamentos os próprios professores acharam difícil trabalhar com este projeto, pois não estava relacionado diretamente com os livros ou com o currículo, segundo eles.

Na realidade este projeto deveria ter sido aplicado sim, pois estaria desenvolvendo o lado tecnológico, mas os professores com medo da tecnologia acabaram reprovando o projeto. Infelizmente, muitos professores estão desqualificados perante a realidade, a qual exige a aplicação de novas tecnologias.

Quando Nóvoa fala que a escola é “apenas o primeiro passo de um processo que se prolonga por toda a vida”, eu concordo, pois não podemos parar nunca, precisamos estar constantemente preocupados com a atualização dos conhecimentos e hoje também com a tecnologia.

A escola está cada vez mais dinâmica, ela não pode estar fechada entre quatro paredes, ela precisa interagir com o mundo, estar interligada com a realidade social e cultural. Precisa haver uma inter-relação entre os conteúdos das disciplinas

trabalhadas, mais do que nunca a interdisciplinaridade também deve estar sendo aplicada e desenvolvida ainda mais pelos professores.

Enfim a escola precisa transcender seu antigo papel de seletora e transmissora de informações, buscando uma nova postura onde as novas tecnologias de informação e comunicação podem contribuir para a caminhada em direção a novas formas de busca e produção do conhecimento.

Para mim entre os princípios da aprendizagem, o que causa mais espanto é o de que aprender é um fenômeno mais emocional do que intelectual. O esforço intelectual reduz-se na mesma proporção em que são utilizados elementos e ou “ferramentas” que promovam o aumento do vínculo afetivo, e motivam o aluno no sentido da aprendizagem.

A tecnologia da informática é um poderoso instrumento de ampliação da inteligência humana. Em educação jamais terá a finalidade de substituir a presença física, o pensamento, a emoção e o empenho do professor, mesmo em se falando de EAD. Utilizando como sabedoria potencializada o processo de aprendizagem, por facilitar a apresentação dos conteúdos e por torná-los mais atrativos e interessantes.

Na presente Monografia pretende-se elaborar um Curso de Música na Modalidade de Educação à Distância, abordando primeiramente um levantamento Histórico da Educação à Distância no Brasil, cursos em andamento e a educação na atualidade. Na segunda parte será trabalhado as Concepções Teóricas aplicadas a elaboração do referido curso. Partindo destes princípios o Desenvolvimento estará abrangendo a elaboração de um Curso de Música em EAD.

Como esta Monografia aborda um assunto contemporâneo, acredita-se que a partir desta vários projetos de pesquisa podem ser desenvolvidos, assim como várias metodologias de trabalho de cursos presenciais podem ser ampliadas com idéias aqui expostas.

## HISTÓRICO

O Ministério da Educação e Cultura, com o Plano Nacional de Educação, conta com metas ambiciosas para o ensino brasileiro de todos os níveis. Propõe, por exemplo, que se aumentem as possibilidades de acesso a fim de garantir a democratização da educação. Para isso, os currículos devem ser flexíveis e com a introdução das tecnologias educacionais que são hoje os meios mais diretos para se lidar com a velocidade da informação.

A legislação brasileira abre a possibilidade para as Instituições de Ensino Superior atuarem nas modalidades de Educação à Distância. Várias Universidades brasileiras estão credenciadas no MEC:

- Universidade Federal do Pará
- Universidade Federal do Ceará
- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
- Universidade Federal do Paraná
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Universidade de São Paulo
- Universidade do Estado de Santa Catarina
- Universidade Estadual do Norte Fluminense
- Universidade Federal Fluminense
- Faculdade de Administração de Brasília

Estas Universidades dentre outras, já iniciaram o desenvolvimento de diversos projetos em EAD. Na área produtiva, grupos empresariais como HSBC, CAIXA, Banco do Brasil, dentre outras estão adotando a EAD em parcerias, com o objetivo de qualificação e capacitação do quadro de pessoal e futuramente seus parceiros clientes e a sociedade .

A EAD no Brasil foi normatizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394, de 20/12/96), pelo Decreto 2.494, de 10/02/98, Decreto 2.561, de 27/04/98 e pela Portaria Ministerial 301, de 07/04/98. No artigo 80 da LDB prevê a EAD em todos os níveis. Em seu primeiro parágrafo, refere-se que a EAD se organizará com abertura de regimes especiais, sendo oferecidas por Instituições credenciadas, como citado.

De outro lado, a globalização é um fenômeno que exige transformações profundas na forma de ensinar e preparar profissionais, em razão de que a educação é a única maneira de garantir equidade na competição, e uma economia de escala mundial, com exigências de qualidade que são desafios para todos os sistemas educacionais.

No atual momento os países vivem momentos dramáticos em relação às suas possibilidades de oferecer educação de qualidade para todos, e seguramente, a aprendizagem independente mediatizada pela tecnologia será a grande estratégia da educação. Promover a utilização da tecnologia educacional é o atalho que permitirá atingir o caminho da modernidade, reduzindo as disparidades entre regiões desenvolvidas e subdesenvolvidas e encurtando distâncias sociais.

Ser agente em EAD requer das Instituições que aceitem o desafio, um intenso preparo. Não é necessário somente possuir equipamentos e pessoal qualificado na área de informática. Será preciso treinamento, formação de equipes multiprofissionais e a “conversão” ao novo modo de ensinar, ou seja, o desenvolvimento de técnicas pedagógicas adequadas à EAD.

Desde a primeira metade do século, os Cursos à Distância por correspondência têm tido uma demanda considerável. Esta forma de ensino se consagrou quando da aquisição do rádio e da televisão pôde ser feita por todos os segmentos da sociedade, e vem sofrendo uma grande revolução com o advento da era da informática e das novas tecnologias de comunicação.

Em 1962, 200 universidades e escolas do terceiro grau profissionalizante já possuíam centro de cálculo automático sobretudo ligados a projetos de pesquisa e de administração. Naquele momento, projetos de utilização do computador para fins didáticos foram iniciados. Os projetos iniciais estavam relacionados com softwares de matemática e outros cursos universitários.

Rapidamente a informática se consolida no Sistema Educacional dos países desenvolvidos, sobretudo na administração e na didática. Resultados impressionantes são obtidos junto aos estudantes com dificuldades de aprendizagem, através de um sistema de ajuda “o professor a ensinar e o estudante a aprender”, a partir da metodologia de questões-respostas, baseada nos resultados do projeto do Professor Patrick Suppes – pai dos logos didáticos. Este método se expandiu rapidamente e deu origem aos jogos didáticos, vídeo-games, etc. A idéia

subjacente deste sucesso é que o computador é um repetidor e, ao contrário das pessoas, ele é de uma paciência perfeita.

Não devemos esquecer que a telemática não tem nenhuma virtude educacional intrínseca e que é preciso, a todos os níveis de ensino assistido pelo computador, a utilização de uma pedagogia ativa com duas características importantes: a interatividade e a construção coletiva do conhecimento.

A queda dos preços do computador, a disseminação dos jogos educativos e “vídeo-games” na década de 80, transforma definitivamente as sociedades dos países desenvolvidos e obriga a escola a se adaptar a esta nova realidade, a responder mais rápido a esta nova postura de seus estudantes.

Depois da Guerra Fria, uma nova estratégia para a educação surgiu nos países desenvolvidos. Na corrida para a liderança e competitividade no mundo global, grandes somas de recursos – público e privado – financiaram projetos e programas de pesquisa em tecnologias. Uma vultuosa parte destes recursos foram destinados à educação – informatização das escolas, universidades e bibliotecas.

Em 1987, uma forma de comunicação entre os pesquisadores do CERN – Centro de Pesquisa Nuclear da Suíça, comunicação esta que é a linguagem de hipertexto utilizada no ambiente WEB – HTML – World Wide Web/ Hypertext Markup Language, se populariza no meio industrial e comercial, possibilitando grandes mudanças no meio educacional, como por exemplo os cursos à distância por correspondência foram passados para a WEB.

As novas tecnologias contribuíram para a drástica mudança que vem contemporaneamente ocorrendo na história da humanidade. Se entendermos que as tecnologias são ao mesmo tempo instituídas e instituintes de novo modo humano de ser, não podemos vê-la como simples instrumento; mas, sim, como estruturantes de uma nova razão e, portanto, de novos modos de aprender diferentes do tempo moderno.

O computador, as novas tecnologias de comunicação e de informação, apresentam um grande potencial para recriar o presente modelo educacional linear baseado no livro texto, institucionalizado depois do surgimento da prensa. A técnica – tendo em conta neste caso a especificidade das novas tecnologias – não determina fatos humanos, pois que não tem essência dada a priori, mas antes compõe o imaginário da cultura, estando sujeita às redefinições e às novas

significações que vão sendo operadas no contexto desta pelos atores sociais. Ela altera o espectro de potencialidades de atuação das pessoas nas áreas de produção e reprodução, armazenamento, transmissão, seleção e processamento de informação.

O novo modelo educacional para o Século 21, deve estabelecer uma política que venha proporcionar às pessoas os “produtos da técnica moderna”, como elementos necessariamente disponíveis para enfrentar os desafios de uma sociedade em constante e acelerada mutabilidade, onde a possibilidade do uso cotidiano das tecnologias seja uma realidade efetiva que contribua para a manutenção e amadurecimento da democracia, e para o desenvolvimento do potencial dos indivíduos.

A utilização das tecnologias da informação é a oportunidade histórica que se tem para a expansão da oportunidade educacional e aquisição de conhecimentos por amplas camadas da sociedade que já estão sendo afetadas direta ou indiretamente pela cena das novas tecnologias – sendo que uma maioria existe à margem do processo de incorporação das tecnologias da informação no cotidiano, o que implica no enfraquecimento dos laços sociais pela proliferação das desigualdades.

Vivemos num mundo de comunicação generalizada. Menos de cinquenta anos se passaram e vimos nascer a televisão – e quase já morrer! - , surgir a televisão interativa, a alta definição. Computadores antes do tamanho de um carro passam a ser colocados nos pulsos. Minituarizam-se as tecnologias. Digitaliza-se tudo. Encurtam-se as distâncias e contrae-se o tempo. Os computadores passam a ocupar praticamente todos os espaços. Seres humanos e máquinas hibridizam-se. Homens se maquinizam. Máquinas se “hominizam”. Aumenta o número de pessoas com equipamentos artificiais em seus corpos: os cyborgs surgem com força total. Rede passa a ser a palavra básica do mundo contemporâneo. Redes que ligam regiões e culturas vivas. Que possibilitam a multiplicação de visões de mundo. As diferenças passam e devem ser o pólo gerador de novas articulações. O trabalho passa a ser mais cooperativo e coletivo. A inteligência coletiva. O planeta é impregnado de imagens. Um mundo de imagens e informações. Um mundo onde a imagem é o paradigma. Essas idéias são de: Gilder, Marcondes, Negroponte, Virilio, Harvey, Santos, Levy, Lemos, Dupuy e Serpa.

As invenções se transformam em produtos, ou seja, tornam-se parte do nosso dia-a-dia, em um período de tempo cada vez menor, como a tabela abaixo:

Fotografia	112 anos
Telefone	56 anos
Rádio	35 anos
Radar	15 anos
Televisão	12 anos
Transistor	5 anos
Circuito integrado	3 anos
AT 286	1 ano
Do 486 ao Pentium	1 mês

As crianças já começam a pensar de forma diferente. E a Escola? A escola vê ainda atônita tudo isso. Mas incorpora tecnologias. Pensa e atua à distância. Produz cursos em todos os níveis, que muitas vezes são a simples repetição do que já se faz presencialmente. Este é o melhor modo de se incorporar as tecnologias?

Torna-se necessário mudar tudo na escola. Sua arquitetura, sua estrutura. Urge pensar-se em um novo currículo. Um currículo hipertextual, segundo Froes, Lima Jr. e Pretto. Que leve em conta não o que é comum, mas, principalmente, o que é diferente.

Nessa nova perspectiva, professores e estudantes deixam de ser simples consumidores para serem verdadeiramente produtores. Produtores de cultura e de conhecimento. A escola passa a ser mais um pólo dessas redes de conexões. Um pólo com a vida. Um espaço ativo de produção de cultura e conhecimento.

As tecnologias de comunicação precisam estar presentes nas escolas e na educação em geral. Experimentar essas tecnologias nessa outra perspectiva, é a base para o salto qualitativo que o planeta espera do próprio planeta.

Educação é comunicação. Todo o processo educativo é um processo de comunicação, assim como todo educador tem que ser um bom comunicador. É

importante estabelecer a Teoria da Comunicação mais adequada para fundamentar a EAD.

Comunicação é o ato intencional de pôr em comum idéias, desejos e emoções, de forma clara, atraente e direta. Daí que todos os cuidados devem ser tomados para evitar ruídos, que serão prejudiciais, porque o professor não estará ao lado dos alunos para dirimir, de imediato, dúvidas que surjam. Como a educação se realiza por diversos meios (a fala, a escrita e o gesto), veiculados pelo próprio emissor ou através de reprodução sonora e/ou visual, utilizando recursos de multimídia, deixa de ser de natureza unicamente lingüística para assumir uma natureza semiótica, pois são muitos os elementos de que se utilizam os especialistas em recursos didáticos.

Seu êxito dependerá do conhecimento e do domínio da matéria pelos especialistas, elaboradores do material didático e das técnicas utilizadas no desenvolvimento dos recursos didáticos, de modo a garantir a qualidade da relação e da comunicação entre professor e aluno.

É preciso enfatizar a necessidade de que sejam claramente especificados o conteúdo da mensagem, um código coerente com o conteúdo e o melhor canal, que garanta a fidelidade na comunicação da mensagem.

Os docentes em EAD têm que se aprofundar no tema da comunicação, como referencial para o desenvolvimento de sua atuação:

As partes que compõe um texto devem relacionar-se quanto a seu significado, de modo que fique perceptível a clara conexão entre elas, na sua totalidade, um significado único com coerência global.

No planejamento, há que se ter, bem claramente, o que vai ser transmitido, a situação educacional ou contexto, na qual se dará a interação comunicativa, para que o receptor alcance os resultados previstos pelo emissor.

A moderna lingüística considera que o contexto não é apenas conformado pelo aqui e pelo agora, mas pelo conjunto de fatores que tornam possível a comunicação.

Deve-se buscar uma comunicação eficaz, por intermédio de um processo mental que selecione as estratégias, as regras e as normas que regem e inter-relação lingüística em concreto, merecendo especial destaque a atitude dos interlocutores.

Partindo do princípio de que nenhum receptor capta ou interpreta uma mensagem como o emissor a tem em sua mente, destaco a seguir alguns princípios fundamentais da comunicação:

- cada comunicação implica um aspecto de conteúdo e um aspecto da relação, sendo que o segundo condiciona o primeiro;
- a natureza da relação fica condicionada pela valorização dos processos comunicativos por parte dos interlocutores;
- a comunicação humana utiliza modalidades digitais e analógicas;
- os processos de comunicação interpessoais são simétricos ou complementares, se a relação entre os interlocutores tiver como base a igualdade ou a diferença.

Devemos encarar a EAD como instrumento para reduzir distâncias. Assim sendo, o professor deverá preparar o material didático de forma que os alunos recebam mensagens na suficiência correspondente às competências que deverão adquirir. A intensidade da comunicação bidirecional pode tornar os programas de EAD mais ou menos distantes de seus destinatários, devendo ser dirigida com o maior empenho para que esta distância tenha menor significado e influência possíveis.

A intenção de ensinar é fator essencial para a eficácia da comunicação instrucional a distância.

A EAD deve caracteriza-se pela auto-instrução e pala conversação didática, guiada e bidirecional, fazendo com que o perfil, o nível e as necessidades da clientela norteiem a elaboração do material didático. Esta comunicação bidirecional freqüente , garante uma aprendizagem dinâmica e inovadora.

Os materiais didáticos preparados por professores especialistas altamente capacitados constituem-se no meio por intermédio do qual o aluno adquire conhecimentos, desenvolve hábitos e atitudes de estudo, sem a presença física do docente. O tão almejado autodidatismo vai sendo construído pelo próprio aluno, constituindo-se em ganho para toda a vida e extrapolando os benefícios diretos de experiências vivenciadas na prática do aprender a distância.

Os modernos meios de comunicação de massa possuem, potencialmente, três funções: informar, ensinar e entreter.

O texto produzido para a modalidade de EAD não pode ser apenas informativo. Tem que ser, também, um discurso persuasivo, com estímulos para a realização de operações intelectuais complexas, além da internalização de conhecimentos anteriores e com a experiência pessoal, a síntese integradora, a motivação heurística, a inquietude por identificar as formas possíveis de aplicação em seu meio, e, ainda considerar as implicações sociais e éticas de tais aplicações.

A eficácia e a afetividade da comunicação docente/aluno, que se dá no acompanhamento e na tutoria, são essenciais para aumentar o incentivo ao estudo e diminuir e/ou evitar a evasão.

A Educação a Distância, hoje como proposta alternativa do processo ensino-aprendizagem, mas que num futuro bem próximo a EAD com os avanços tecnológicos tende a ser o principal meio de ensino. EAD significa também pensar um novo modelo de comunicação, capaz de fundamentar e instrumentalizar a estratégia didática. Isto se faz necessário porque muitos sistemas de EAD deturpam e distorcem a comunicação. Ocorrem, neste campo, erros piores que os cometidos em didática.

A partir de estudos e experiências comunicacionais, a nível teórico e prático, surgem novos modelos de comunicação, em que o emissor não apenas transmite mensagens, mas promove processos de diálogo e participação.

Em Educação e em Comunicação, conforme comprovam os estudiosos do assunto, há muitos aspectos convergentes para abrir caminho a propostas alternativas, tanto na Educação Presencial quanto na Educação a Distância.

Em se falando em Comunicação Bidirecional, em EAD, o aluno não é um simples receptor de mensagens educativas e conteúdos planejados, produzidos e distribuídos por um centro docente, sem possibilidade de esclarecimento e orientações. A atividade educativa, como processo de comunicação é bidirecional, com o conseqüente feedback entre docente e aluno. O diálogo consubstancia, assim, a otimização do ato educativo.

O aluno pode responder às questões que lhe são propostas nos materiais instrucionais, assim como pode propor um diálogo com o seu tutor, enriquecendo sua atividade de aprendizagem.

O diálogo também pode ser simulado por intermédio da conversação didática guiada entre docente e aluno, proporcionada pelos materiais de estudo.

As novas tecnologias da informação e os modernos meios de comunicação tornaram inesgotáveis as possibilidades de recepção de mensagens educativas, eliminando fronteiras espaço-temporais e propiciando o aproveitamento destas mensagens por grande número de pessoas, dispersas geograficamente.

Pode-se ensinar bem a distância usando os meios massivos de comunicação, suprindo com vantagem a ausência do professor. Observando-se, então, a economia de escala, já que a mesma mensagem, cujo planejamento e produção comportaram um custo, pode ser massivamente recebida.

A comunicação massiva não é possível no ensino presencial, pelas limitações espaço-temporais da sala de aula e da presença do professor.

Os sistemas flexíveis de educação, de acordo com as novas correntes educativas centradas na educação aberta, devem estar mais atentos aos alunos individualmente, com suas exigências, motivações e necessidades, do que às da instituição. Assim, o aluno poderá iniciar um curso quando desejar, desenvolvendo-o de acordo com seu tempo disponível para estudar em seu ritmo de aprendizagem. Pode haver, então, o processo de formação personalizada nos conteúdos que o aluno estudará, escolhidos em função das exigências, dos conhecimentos e das capacidades que ele possui.

Vale destacar que, embora a comunicação massiva seja uma possibilidade da EAD e uma vantagem em relação aos sistemas presenciais de ensino, pode esta modalidade estar direcionada, também, a minorias e, inclusive, a um só aluno. Nas comunicações massivas, uma vez que os cursos estejam preparados é possível, conveniente e economicamente vantajoso utilizá-los para um grande número de estudantes. É imprescindível porém, testar adequadamente os materiais em situações que possibilitem sua avaliação precisa. Caso contrário, o custo poderá ser grande e o resultado relativamente pequeno.

O principal desafio é buscar a melhor forma de EAD em todas as disciplinas e cursos em geral, bem como a melhor forma de comunicação a ser utilizada em EAD.

## CONCEPÇÕES TEÓRICAS

A incorporação das novas tecnologias na sociedade e a importância do homem em se apropriar do uso dessas tecnologias, para poder discutir, avaliar e pensar essas mudanças, através de uma postura filosófica para o desenvolvimento da cognição, são idéias que Lévy expôs no livro sobre Tecnologias da Inteligência. Lévy também considera que interatividade não é apenas treinar, selecionar o que se quer ver por exemplo na Internet. É a atividade cognitiva que se dá na Internet que é interativa. A interação com o computador é mais eficaz quando colocamos duas pessoas em frente ao computador. A interação está na discussão entre as duas pessoas. Interação esta também realizada nas salas de bate-papo ou nos fóruns de debates realizados via Internet. Esta interação é rica.

Com o desenvolvimento tecnológico, os processos de capacitação estão se tornando cada vez mais eficazes, pois apresenta uma linguagem interativa e os processos de multimídia, com equipamentos cada vez mais rápidos, com maior confiabilidade e capacidade de processamento, e também a modalidade de ensino a distância pode caracterizar uma forma de atuação para a tomada de decisões independentes e para o acesso às informações sistematizadas, além de desempenhar um papel de aperfeiçoamento de conhecimentos específicos até a formação profissional.

Como ilustração, a tabela abaixo mostra as ferramentas tecnológicas e a postura filosófica de cada uma delas. Para Lévy(1993) “as tecnologias intelectuais, ainda que pertençam ao mundo sensível “exterior”, também participam de forma fundamental no processo cognitivo”. “Os processos intelectuais não envolvem apenas a mente, colocam em jogo coisas e objetos técnicos complexos de função representativa e os automatismos operatórios que os acompanham.

Tabela – Diferentes Modalidades de Ensino

INSTRUMENTO	OBJETIVIS- MO	CONSTRU- TIVISMO	COLA- BORATIVO	COGNITI- VO	SÓCIO- CULTURAL
Uso do Computador pelo Instrutor	**				
Computador partilhado entre instrutores e alunos	*	**			
Software educativo	**			*	
Educação a Distância	**				*
Comunicação através de e-mail				*	
Networks de aprendizado		**		*	
Hipermídia / Internet		**			
Simulação / Realidade Virtual		**			
Network individual na sala de aula			**		
Network em grupos com salas distantes				**	*
E-mail e presencial			**		*
E-mail em grupo				**	*

Fonte: Leidner e Jarvenpaa, 1995.

\* Representa a principal teoria de aprendizado adequada ao meio;

\*\* Representa a Segunda opção.

Esta tabela exemplifica as diferentes concepções filosóficas para cada ferramenta tecnológica. É uma colaboração para o trabalho de Lévy, que discute as formas de produzir conhecimentos com as tecnologias.

Os meios eletrônicos, principalmente a televisão, têm a capacidade de combinar imagens bem diferentes, com a fala, a música, a escrita, além de uma narrativa que envolve as pessoas. A televisão pode combinar imagens ao vivo e gravadas, imagens criadas no computador, combinar imagens estáticas e dinâmicas, contextualizando historicamente as imagens de maneira a articular o passado, o presente e o futuro.

A televisão e também o vídeo combinam som e imagem de maneira dinâmica e interligada. Algumas características são, no entanto específicas de cada um desses recursos audiovisuais. Enquanto que a Televisão têm espaços de tempos fixos para a transmissão com horários determinados, a duração da produção de vídeo é flexível e pode-se interromper a programação no tempo em que for necessário.

Combinar esses dois recursos, têm demonstrado bom resultado, pois o usuário pode conseguir uma programação de televisão, gravando no vídeo e assistir quando bem entender. Desse modo, o vídeo pode se aproximar do texto impresso. A qualidade da produção dos vídeos têm aumentado gradativamente e vêm se tornando tão atrativos quanto a televisão. As transmissões também são outros referencial da qualidade, pois o vídeo é buscado por um público-alvo, enquanto as transmissões de televisão atingem à muitas localidades. O aspecto educativo da programação é muito discutido, já que está acessível à várias populações, porém a recepção da televisão é disponível à muitas localidades, enquanto que a recepção do vídeo é limitada ao equipamento de vídeo cassete.

As novas tecnologias podem encorajar o pensamento criativo, promover a capacidade de empreendimento e despertar a curiosidade, aliada ao aprendizado prático e individualizado, ao trabalho em equipe e a descoberta dirigida das informações.

A rápida evolução computacional têm possibilitado em gama variada de perspectivas futuras quanto ao uso das novas tecnologias pela educação. Os alunos

são curiosos e tem iniciativas e o modelo por descoberta proporcionado pelo conhecimento tecnológico é o desafio dado aos professores.

As tecnologias e metodologias de aprendizagem proporcionam a transmissão da informação, a aprendizagem colaborativa e a estratégia de tomada de decisões ou a resolução de problemas. Em comum, a tecnologia e a metodologia apresentam a capacitação do aluno; seja ela cognitiva ou para habilidades. O conhecimento do conteúdo da tecnologia e a sua análise é complementada pela aplicação da informação, quer dizer, o aluno deve ser capaz de ir além das informações e criar novos conhecimentos.

As interações aluno/aluno são freqüentemente as mais produtivas experiências de treinamento. Estas interações quando bem projetadas oferecem a oportunidade para os estudantes expandirem e aplicarem o conhecimento do conteúdo de outras maneiras.

No pensamento de Lévy, pode-se resumir que ele considera que a introdução das tecnologias na sociedade e a incorporação dessas tecnologias pelo homem, faz com que a construção do pensamento seja um motivo de discussão, pois a cognição parece ainda estar ligada as tecnologias anteriores. É necessário aprofundar o conhecimento sobre o desenvolvimento da inteligência a fim de discutir a forma de se comunicar e de conhecer o mundo.

Em lugar de técnicas de transmissão das mensagens, deve-se buscar novas maneiras de informação e comunicação. Pensar em como transformar a informação em conhecimento aplicável às necessidades e interesses imediatos das pessoas é o desafio dado a modernidade.

Antônio Gramsci foi um intelectual que teve a relacionalidade como princípio norteador do seu pensamento político-filosófico. Gramsci chamou a atenção da escola, para que a mesma "não hipotecasse o futuro dos alunos; nem obrigasse suas vontades, inteligências, consciências e informações a se moverem na bitola de um trem com estação marcada", e sempre foi contra o "abstratismo didático e doutrinário". Almejava a formação unilateral do homem (integral, técnica e política). Seu método de ensino para o 2º grau e Universidade, consistia na investigação, no

esforço espontâneo e autônomo do discente, e no qual o professor exerce apenas uma função de guia amigável.

Gramsci foi um homem que sempre lutou contra a ortodoxia, o autoritarismo, a fragmentação... sempre tendo como idéia central a questão: “como podemos nos tornar livres?”. Seu referencial teórico e sua prática política foram marcados pelo pluralismo, pela flexibilidade, pela relação entre as aparentes disparidades e pela busca da autonomia do homem.

Para Cornelius Castoriadis a educação tem lugar decerto discreto, mas de inegável importância: ela é segundo suas próprias palavras, “uma dimensão central de qualquer política de autonomia” (1992), na medida em que é o terreno onde se encontram as duas faces deste projeto, que o filósofo não cessou de proclamar solidamente a autonomia individual e a autonomia coletiva.

Na instituição do indivíduo social, a educação é socialização da psique que, sempre realizada pela mediação de agentes muito precisos – e, antes de mais nada, pela mãe – é operada pela língua e pela sociedade; mas como a instituição da sociedade supõe já, a cada vez, a definição de um “bem comum” (1992-p.238) a educação também implica muito particularmente no contexto democrático, a criação do participável social e também das condições, vias e meios que asseguram a cada um o pleno acesso a este participável.

Assim, em Castoriadis, a reflexão sobre a educação sempre nos remete ao dilema da necessária (re) significação, pela liberdade humana, dos fins e dos meios educativos – tarefa que implica em um enorme desafio, expressos sob a forma de um enigma: em educação, a liberdade define, ao mesmo tempo, o fim buscado e o princípio de que se parte, o que se quer construir e aquilo em que se apoia esta construção. Este enigma, que é constitutivo da prática educativa, a reflexão filosófica ajuda a elucidar, mas ela jamais poderá eliminá-lo. Nem mesmo a prática poderá fazê-lo, em nome da autoridade teórica ou técnica, nem, em nome da própria experiência.

Todas estas reflexões nos levam a reconsiderar o status reservado à educação. Prática política, sua plena significação depende de um investimento social que é preciso, a tempo e contratempo, afirmar como exigência democrática

primordial; conjunto de construções teóricas com pretensões explicativas, a educação dá lugar a um modo de conhecimento que é sempre, confirma Castoriadis, fragmentário, incompleto, provisório; prática de ação, a educação deve se fazer (re) criação permanente dos procedimentos, dos métodos, tanto dos modos de relacionar-se com estes procedimentos com estes métodos, com as técnicas pedagógicas instrucionais. Mas, particularmente no que respeita ao mestre, a educação também é terreno onde se operam, concretamente, estas e outras deliberações, mais importantes, que não podem ser garantidas ou determinadas por antecipação, legitimadas ou evacuadas pela autoridade burocrática, teórica ou técnica – e que sempre são, em última instância, realizadas pelo professor.

Assim, as exigências da liberdade impõem, também, ao professor, que ele seja capaz de “dar conta e dar razão” (isto é, dar sentido e prestar contas deste sentido) de suas decisões aos pais, a seus colegas, à sociedade. Pois dizer que educar é criar o sentido de educar implica devolver ao professor sua autonomia e sua iniciativa no ato educativo, mas também colocá-lo às responsabilidades políticas que são suas. Castoriadis também faz referência a interdisciplinaridade, como veremos mais tarde.

Quando falamos de Paulo Freire, em primeiro lugar, chama a atenção como ele assume seu ser histórico. Suas opções políticas são claras desde os primeiros trabalhos, mas elas jamais se transformam em camisas-de-força. Desta forma, elas balizam sua ação e sua reflexão de uma maneira flexível, não havendo espaço para conversões espetaculares, nem para frustração e desespero quando a realidade comprova que as coisas não são necessariamente como ele quer que sejam.

É sabido que Paulo Freire não apresenta uma técnica pronta, que simplesmente possa ser aplicada em qualquer situação. O método, como ele mesmo frisa seguidamente, precisa ser reinventado.

Outra característica, esta em termos de conteúdos, é que sua teorização tem um núcleo básico mais ou menos estável, o que lhe possibilita ampliar e adaptar as reflexões conforme a realidade específica. Não é, em si, uma teoria pronta e que pudesse ser simplesmente aplicada em qualquer situação. Com isso, o diálogo se amplia quase que infinitamente: há tentativas de uso da teoria em psiquiatria, no

teatro, no ensino da matemática, etc.; há também um diálogo intenso com disciplinas como sociologia, filosofia, teologia, lingüística e política.

Aponto apenas título de exemplo algumas das noções associadas a Paulo Freire e que com certeza poderiam ganhar com uma reflexão mais abrangente: seguidamente ouve-se que na teoria de Paulo Freire educador e educando são iguais, noção que tem servido para legitimar o descaso do professor em relação ao ensino, bem como para proteger os interesses mais imediatos dos alunos; educação política seria informar sobre a realidade, pressupondo que a transmissão de dados sobre a realidade seja suficiente para produzir cidadãos conscientes e engajados; no uso do “Método” Paulo Freire seriam abolidos os conteúdos, uma vez que os mesmos são pacotes que servem à domesticação.

Acredito que em qualquer contexto a teoria de Paulo Freire possa adquirir sua validade e praticidade na medida em que formos capazes de identificar o seu núcleo dinâmico. Trata-se de procurar as perguntas de Paulo Freire fazia na medida em que buscava um caminho para a sua prática, não para simplesmente repetí-las, mas para recriá-las dentro da nossa realidade. Dito com outras palavras, trata-se de encontrar a chave com a qual se possa abrir a porta que mostra o interior da casa com mais clareza.

Paulo Freire constantemente nos desafia a encarar o óbvio. No caso da chave para a compreensão da sua teoria, deveríamos por isso voltar a atenção para aquilo que necessariamente está presente no ato educativo e que para Freire se constitui na sua própria essência: o ato de conhecer. O conceito tem lugar assegurado em quase todas as suas discussões mais aprofundadas da educação e a centralidade é afirmada categoricamente pelo próprio Freire: “Quando nós educadores progressistas, falamos em ensino e aprendizagem, queremos nos referir ao processo global de conhecer”. Ensinar é a forma que o ato de conhecimento, que o professor exerce, toma para sugerir testemunhalmente ao educando como deve ser o ato dele ao engajar-se no ato de aprender.

O ato do conhecimento, envolve sujeitos capazes e dispostos a conhecer. Chega-se daí a noção de diálogo, um ponto de referência fundamental para compreender a proposta pedagógica de Paulo Freire. Educação é, para ele, um processo de diálogo através do qual o educador e o educando constantemente

problematizam o seu estar no mundo e sua ação sobre o mundo. A educação brasileira, escrevia ele em *Pedagogia do Oprimido*, sofre uma verdadeira “enfermidade da narração”. O problema dessa educação não é o conteúdo, uma vez que é impensável uma educação sem conteúdos, nem são necessariamente as aulas expositivas, mas a maneira de conceber o conhecimento. Educador e educando são então colocados em posições fixas e fechadas diante do mesmo: um que sabe e outro que não sabe; um que pensa, outros que são pensados... Com isso, destrói-se o potencial da educação como ato de conhecer. O saber ou conhecimento é reduzido a algo estático, a ser doado ou transferido, destituindo-se o mesmo de seu caráter dinâmico e criativo.

A teoria de Paulo Freire é muitas vezes equivocadamente enquadrada entre as teorias não-diretivas. Embora tenha alguns elementos comuns (por exemplo, a confiança na potencialidade da pessoa), ele faz questão de destacar que sempre vai haver diretividade na educação. Educação é um processo de convencimento, no qual a aparente neutralidade apenas mascara as verdadeiras posições. Ao desafiar educadores e educandos a que assumam posições, a teoria dialógica nega o autoritarismo como nega a licenciosidade. E, ao fazê-lo, afirma a autoridade e a liberdade.

Além disso, diálogo não significa ausência ou indefinição de papéis. Principalmente nos últimos anos Paulo Freire vem acentuando que o diálogo não elimina os papéis de professor e de aluno. Por exemplo, não há por que o professor negar seu papel de ensinar. Só que ao ensinar ele refaz seu ato de conhecimento para que os alunos possam também fazer o seu ato de conhecimento. Nesse sentido, ensinar jamais é um ato mecânico e repetitivo, mas um ato criador, um ato crítico.

O educador libertador, segundo Paulo Freire, deve estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos, então o professor seria algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas, mas não é esse o problema. A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e a sociedade. Isto é, em última análise, ao criticar as escolas tradicionais, o que devemos criticar é o Sistema Capitalista que modelou as escolas.

A educação não criou as bases econômicas da sociedade. Não obstante, sendo modelada pela economia, a educação pode transformar-se numa força que influencia a vida econômica.

Portanto, no exercício da docência, devemos ser um guia amigável em função de uma pedagogia criadora, dinâmica e participativa, com uma concepção de técnica que ultrapassa os ditames neoliberais e que comporta um devir heterogêneo, onde o respeito à diferença está presente, orientada por uma educação libertadora, rumo à democracia, ideal político por excelência.

A interdisciplinaridade vem sendo utilizada como “panacéia” para os males da dissociação do saber, a fim de preservar a integridade do pensamento e o restabelecimento de uma ordem perdida. Apesar de ser objeto de grande interesse e de um número crescente de publicações, o conceito de interdisciplinaridade ainda não apresenta para um grande número de professores uma construção precisa e consensual. Dos estudiosos desse tema, destacam-se os trabalhos de Japiassu (1976) e Fazenda (1993), que têm sido referência para outros trabalhos como a pesquisa realizada por Candau (1988) sobre os Cursos de Licenciatura. Nessa pesquisa, entre outras questões, a autora coloca a construção do espaço interdisciplinar como uma busca e um desafio para os cursos de formação de professores.

Japiassu tenta precisar o termo interdisciplinaridade a partir da noção de “disciplinaridade”: “um conjunto sistemático e organizado de conhecimentos que apresentam características próprias nos planos do ensino, da formação, dos métodos e das matérias” (1976 p. 72). Então o pesquisador esforça-se para precisar os “termos vizinhos”: multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade, que se referem a graus sucessivos de cooperação e coordenação crescente das disciplinas. Assim, um sistema multidisciplinar é constituído por várias disciplinas com múltiplos objetivos e nenhuma cooperação; um sistema pluridisciplinar é formado por várias disciplinas com múltiplos objetivos em que há cooperação mas nenhuma coordenação; e um sistema transdisciplinar é formado por diversas disciplinas conexas, coordenadas e com um conjunto de axiomas comuns.

Com o mesmo objetivo de Japiassu, Candau (1988, p. 314 e 315) apresenta outras perspectivas da interdisciplinaridade, como a de Berger e a de Figueira. Para Berger, um grupo interdisciplinar consiste na reunião de especialistas de diferentes áreas, organizados em torno de um problema comum e em contínua intercomunicação.

Na perspectiva de Figueira, a interdisciplinaridade pode apresentar cinco tipos de contrato entre disciplinas diferentes: a “não relação”, uma total separação e desconhecimento mútuo; “colonização”, a influência profunda de uma área de conhecimento sobre outra; “objetificação”, quando uma área de conhecimento faz de outra seu objeto de estudo; “articulações e sínteses”, um tipo de contato mais igualitário, baseado na ilusão do “elo ou ponto comum” entre duas disciplinas; e o que ele denominou de “fecundações problemáticas”, um tipo raro de interação entre diferentes disciplinas.

Fazendo uma síntese do conceito de interdisciplinaridade, Candau afirma que “a interdisciplinaridade supõe a interação entre duas ou mais disciplinas diferentes” (1988, p.314). Esta interação pode ir da simples comunicação de idéias até a integração mútua na organização dos conceitos básicos, da metodologia, procedimentos, epistemologia, terminologia, “data”, e organização da pesquisa e do ensino num campo amplo do saber.

Trazendo a questão para a esfera da instituição universitária, Candau afirma que para realizar um trabalho interdisciplinar a universidade precisa mudar muito, desde a revisão de suas práticas até sua estrutura interna. Com respeito aos Cursos de Licenciatura, ela situa a interdisciplinaridade na essência da problemática desses cursos. No que tange aos educadores e também à Universidade, num processo interdisciplinar, quero salientar o que Morim diz: “é necessário que os educadores se auto-eduquem, e se eduquem prestando atenção às gritantes necessidades de século, as quais são encarnadas também pelos estudantes”. Eis a perspectiva histórica para o novo milênio. A universidade deve ultrapassar-se para reencontrar-se.

O fenômeno interdisciplinar, tal como foi expresso pelas idéias de Japiassu e Fazenda, é uma exigência interna das ciências humanas, uma categoria da ação, com a intermediação da linguagem; pressupõe que haja diálogo, troca de

experiências, cooperação, autocompreensão, incitando o trabalho em parceria, na tentativa de manter o movimento dialético da produção do conhecimento. A complexidade dessa questão foi retomada na pesquisa coordenada por Candau (1988, p. 315), que baseando-se em idéias de Cusdorf apresentadas por Japiassu, propõe quatro diferentes dimensões do problema, as quais resumo abaixo:

- epistemológica – “decorrente do enclausuramento auto-suficiente de cada especialista no espaço limitado do seu próprio campo de especialização”;
- institucional – “cada disciplina nova consagra, por via administrativa, sua separação do saber em conjunto, dificultando assim a intercomunicação entre os diversos espaços do conhecimento humano, ao mesmo tempo que favorecendo a consolidação da situação adquirida”;
- psicossociológica – “como consequência da preocupação pela defesa do próprio campo de especialização, procurando garantir seu domínio específico”;
- cultural – “a dissociação das disciplinas é agravada pela separação existente tanto entre as diferentes áreas culturais e suas mentalidades particulares, quanto entre as linguagens e tradições”.

Notem que não se defende na prática interdisciplinar uma “unificação”, na qual, a partir de uma axiomática geral, romperiam-se definitivamente as fronteiras disciplinares. A interdisciplinaridade não nega as especialidades, e respeita o território de cada campo do conhecimento; o que se quer é superar a “separação extrema” entre as disciplinas, ou seja, “a separação entre as disciplinas do mesmo domínio e a separação da reflexão filosófica” (Castoriadis, p.2); superar a “hepersensibilização” e trabalhar o conhecimento através de interdependências e de conexões recíprocas. Gusdorf deixa claro isto ao salientar a questão de “complementaridade”, onde os especialistas trabalham conscientes de seus limites e acolhendo as contribuições de outras disciplinas.

A primeira condição de efetivação da interdisciplinaridade é o desenvolvimento da sensibilidade. Nesse sentido, torna-se particularmente necessária uma formação adequada que pressuponha um treino na arte de entender e esperar, um desenvolvimento no sentido da criação e da imaginação.

A importância metodológica é indiscutível, porém é necessário não fazer-se dela um fim, pois interdisciplinaridade não se ensina nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se e, por isso, exige uma nova pedagogia: a da comunicação.

A integração refere-se a um aspecto formal da interdisciplinaridade, ou seja, à questão de organização das disciplinas num programa de estudos.

Admitindo-se que interdisciplinaridade seja produto e origem, isto é, que para efetivamente ocorrer, seja necessário essencialmente existir, ou melhor, que a atitude interdisciplinar seja uma decorrência natural da própria origem do ato de conhecer, necessária se faz num plano mais concreto sua formalização. E assim sendo, pode-se dizer que esta interdisciplinaridade necessita da integração das disciplinas para sua efetivação.

Esta integração, entretanto, não pode ser pensada apenas a nível de integração de conteúdos ou métodos, mas basicamente a nível de integração de conhecimentos parciais específicos, tendo em vista um conhecer global.

## DESENVOLVIMENTO

Alguns autores falam que a exigência de qualificação tende a diminuir, a medida que as máquinas substituam o trabalho humano: enquanto os computadores se sofisticam, os conhecimentos exigidos para sua utilização declinam, o que eu não concordo, pois a educação é inovada cada vez mais, exigindo assim mais e mais conhecimentos. No mercado de trabalho a exigência era o curso de graduação, isto a pouco tempo atrás e hoje não basta uma graduação e sim pós-graduação, mestrado, experiência acima de tudo e o conhecimento de duas línguas no mínimo.

O que não deveria haver é esta divisão de classes tão grande, pois também dificulta o acesso à educação. Se a pessoa não tem onde morar, o que comer, como é que ele vai comprar um livro, ter acesso à tecnologia, sabemos sim que isto é um problema social e que deveria ser sanado.

Percebi também em meus diálogos, que devemos sempre lembrar que a educação vem se impondo como fator determinante nem sempre de ascensão social, mas de sobrevivência. Quem não tem “diploma” tem maiores chances de exclusão social e econômica.

Foi um consenso entre os diálogos que a tecnologia prevalece atualmente em todo o mundo, dita normas, padrões e nos pressiona a nunca parar de mudar, de aprender, de se atualizar, enfim de crescer.

O novo nos surpreende a cada momento e as autoridades nos lembram que precisamos formar cidadãos preparados para sobreviver neste mundo tecnológico. Sendo a EAD uma ferramenta aparentemente poderosa e capaz de solucionar desafios impostos pela nova ordem econômica-social do mundo tecnológico.

Na fala de um dos entrevistados havia uma grande preocupação com o fator comercial, pois segundo ele o mundo hoje é mais complexo em termos de competitividade, pressão para o sucesso e geração de lucros.

Temos que cuidar com os profissionais da educação que estão “enfeitados” pela tecnologia e pelo futuro e que na realidade não conseguem definir claramente o futuro. A qualidade não pode ser negligenciada pelas instituições de ensino

presencial e também de EAD que optam pelo atendimento a um número maior de alunos, sobrepondo o lucro comercial ao lucro pedagógico/educacional.

Em uma reportagem da Folha de São Paulo, com o professor Litto, transparece a preocupação de que um dos grandes problemas em relação ao uso da Internet para estudar são os professores. A maioria usa para si mesmo e não como ferramenta pedagógica, então a maioria dos professores não utiliza a tecnologia e isto precisa ser desenvolvido.

O objetivo da pedagogia não é ensinar matérias específicas, mas desenvolver a capacidade de aprender do sujeito – aprender a aprender, aprender a descobrir, aprender a inventar. As matérias que são ensinadas servem não só como degraus do conhecimento, mas também para desenvolver a capacidade do aluno de aprender a aprender, descobrir e inventar.

Quando se fala em aprender a aprender o aluno torna-se o responsável pela sua própria aprendizagem contínua e descobre qual é a maneira ideal de aprender as novas qualificações. O saber fazer está relacionado com a aquisição das habilidades físicas necessárias à produção de uma ação e de um aprendizado.

A Educação a Distância faz com que os alunos sejam levados a aprender a aprender, aprender a inventar e estimulados a trabalhar em equipe: a ter uma atitude colaborativa, pois assim como eu estou aprendendo com os textos de outras pessoas, outras pessoas também estarão utilizando os meus textos para reflexões. Outro item interessante é o fórum de debates, pois permite a troca de idéias entre os alunos.

Uma das principais questões geralmente levantadas por EAD é: “Como estudar em EAD?”, e esta questão deve ser esclarecida. Primeiramente deve-se ler as proposições de estudo e após estudar os conteúdos do texto (destacar as idéias, inserir interrogações onde houver dúvidas, sublinhar palavras desconhecidas, fazer anotações e outras). Ainda também vale ressaltar que treinar o pensamento, participar de discussões e procurar aplicar os conhecimentos no dia a dia, são questões que auxiliam no estudo em EAD.

O computador já se tornou um equipamento de EAD que emprega gráficos, animação, vídeo e áudio para facilitar a aprendizagem. A meta principal agora é criar soluções de aprendizagem que os alunos possam acessar quando quiserem e que despertem seu interesse e imaginação, acelerando o aprendizado e reduzindo os

custos e o tempo de estudo. As características como interatividade, encorajamento, acréscimo de motivação e retenção de conhecimento, são características de um bom curso através do computador.

A Internet está claramente modificando a maneira como armazenamos, transferimos e encontramos e gerenciamos o conhecimento.

O apelo da WEB para a educação da força de trabalho é a sua capacidade de personalizar experiências de aprendizagem de acordo com as necessidades e preferências de cada indivíduo. Além disso o estudo via WEB permite o acompanhamento automático de cada experiência de aprendizagem. Os sistemas podem ser personalizados para gerar relatórios diários, inclusive nomes de alunos, endereços de e-mail, tempo gasto on-line e telas visitadas, se isto for necessário para o controle do andamento dos estudos do aluno.

A WEB, é um ponto de encontro onde colegas compartilham experiências de sucesso, fazendo perguntas sobre problemas que estão tentando solucionar e armazenam ferramentas e dicas. Através dela é possível oferecer uma riqueza de recursos paralelos para os alunos, sem ocupar espaço em disco rígido ou precisar reproduzir, apresentar e atualizar continuamente o CD-ROM – Compact Disc – read Only Memory.

A tecnologia facilita a realização de pesquisas on-line e elaboração de testes para avaliar o desempenho. Uma conclusão que tenho da tecnologia on-line é que é mais fácil de incorporar a aprendizagem com parte rotineira do dia, esteja o aluno no trabalho ou em casa.

Segundo João Vianney, não é somente e simplesmente a troca de e-mail, nem discussões em chat, nem um site, que apresente os conteúdos em EAD, precisamos mais do que isto. Não se pode em qualquer hipótese abandonar o que o texto impresso representa, em termos de sedimentação cultural.

Antes de iniciarmos um projeto em EAD, é importante coletarmos material informativo e isto inclui:

- Livros texto ou de referência, do assunto;
- Programas de cursos já existentes, documentação ou mídia eletrônica com informações;
- Manuais técnicos, desenhos ou modelos funcionais sobre o assunto;
- Lista de especialidade por assunto.

Em relação à metodologia temos que ter a preocupação com diversos fatores relacionados à competência técnico-pedagógica e também tecnológica como falamos anteriormente.

Os projetos em EAD devem ser específicos, por curso, com grades curriculares e conteúdos abordados, por disciplina claramente definidos. A carga horária total e individual e o número de módulos para se completar os conteúdos mínimos exigidos deve ser concisa.

A equipe de desenvolvimento do projeto de um curso deve ser formada por muitas pessoas e existem diversos papéis a serem desenvolvidos durante o trabalho. Temos que Ter alguém que planeja, supervisiona, define e gerencia os detalhes do projeto, assim como os membros da equipe do início ao fim.

Cada vez mais os cursos devem ser desenvolvidos por especialistas com competências e capacidades para redigirem textos que atendam os objetivos propostos com concisão, qualidade, profundidade relativa a cada grau do curso. Estes professores devem também ser capaz de transformar os textos para uma forma interativa, com linguagem coloquial e auto-instrucionais, ou seja, um especialista no conteúdo.

Segundo os livros de administração temos que Ter um especialista em andragogia, quando se fala em cursos para adultos, pois a aprendizagem do adulto depende só da vontade de aprender ou do interesse do adulto pelo assunto, enquanto que, quando se fala da aprendizagem da criança é diferente, pois ela é receptiva a todos os conteúdos, ela quer aprender sobre tudo.

Temos que Ter também, um especialista em programas que serão utilizados, pois alguém com um talento artístico irá organizar melhor as questões ligadas a qualidade das imagens gráficas, de vídeos e as seqüências de animação utilizadas pelo curso, mesmo que o curso seja somente em texto.

Enfim, para um projeto instrucional deveremos Ter os seguintes membros na equipe de desenvolvimento:

- Gerente do Projeto
- Especialista em Sistemas Instrucionais
- Redator
- Produtor / diretor de vídeo
- Artista gráfico

- Programador de Planejamento
- Avaliador
- Artistas.

Os textos e os cursos devem estabelecer as metas a serem alcançadas, e além do mais diversificar as formas de trabalho e estudos e ou testes para verificação do conhecimento. O curso também deve estar ligado ou em sintonia com as competências e habilidades específicas demandadas pelo mercado, nas mais diversas áreas de atuação.

Quando se fala em material auto-instrucional, precisamos ter claro que o material seja suficientemente explicativo e interativo que propicie a auto-instrução e permita o alcance dos conteúdos mínimos exigidos por lei. O material deve despertar o interesse em aprofundamentos futuros pelo aluno, ser atraente e provocador, além do mais estar em sintonia com a atualidade em nível de conhecimento e informações.

As bibliografias básicas e complementares com vistas ao aprofundamento devem estar presentes.

As auto avaliações devem cobrir os conteúdos de cada módulo e também o desenvolvimento das habilidades básicas de pensar, estabelecer relações, tirar conclusões e argumentar.

Com relação à mídia a ser utilizada deve-se ter muito claro sobre a forma de operacionalizar o processo sob cada uma das mídias. Divulgar para a comunidade as regras que são: ingresso, periodicidade e formas de atendimento individualizado ou em grupo, se for o caso, controle e avaliação e os prazos a serem cumpridos.

Em EAD nunca se pode esquecer também da atualização constante do material, jamais o curso deve ser fechado estagnado e concluído. A avaliação do curso é parte de um ciclo do projeto. A partir do momento que o curso visa a melhoria da educação ou a expansão dos conhecimentos ele deve ser constantemente atualizada.

Se falarmos sobre uma Instituição de Artes e Música ligada a EAD, teremos muitos pontos fortes e fracos para serem debatidos. Não consigo imaginar como seria o desenvolvimento de uma disciplina da área de artes plásticas, que é totalmente prática e com equipamentos específicos como os laboratórios, ateliers e

salas com diversos equipamentos da área (forno, torno e outros) ser realizada individualmente, através da WEB ou outro meio. Acredito que com as disciplinas teóricas poderia ocorrer uma parceria com a UniRede, mas estas são geralmente em média 20 a 30% do curso.

Quando se fala em educação e agora especificamente em artes e música, a atualização, o aprendizado deve ser constante, permanente. O artista passa a vida transformando, modificando e aprendendo novas técnicas. Para o músico a partir do momento em que ele pára de tocar o seu instrumento, pára de ensaiar ou de fazer novas experiências ele está fora do mercado de trabalho, pois é uma habilidade que constantemente precisa haver uma dedicação ao estudo.

No ensino do instrumento poderia ocorrer uma atividade a distância por meio de vídeos, WEB ou outro e uma atividade com o professor/Tutor, caso as aulas sejam duas vezes por semana, uma delas poderia ser com o Tutor e outra com a tecnologia adequada ao instrumento.

O simples exemplo é a escola virtual de inglês que em três meses conseguiu reunir 1.000 alunos, sendo que a gramática do idioma constitui a base das aulas, que o aluno segue no seu próprio ritmo. Tarefas e dúvidas são trocadas por e-mail com o professor e é possível exercitar a escrita em salas de bate-papo – chat. Então com as artes e música também poderíamos conquistar este espaço.

A idéia de levar a educação para locais tão distantes e sem infra estrutura, como é o caso da UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso, é algo que deve ser considerado como um programa de grande valor para o Brasil. Quanto aos Programas de trabalho devemos também parabenizá-los pela iniciativa de qualificar os professores que teve seu início super precário e após passou a ter o auxílio da Universidade de Quebec, da UNESCO e também mais tarde pôde contar com mais universidades para ampliar ainda mais o trabalho que estavam realizando, passando a efetuar o primeiro vestibular. Infelizmente não conseguiram estender o curso a todos os interessados, mas acredito que com o tempo ampliaram ainda mais as vagas.

A UFMT primeiramente testou o material a ser trabalhado com os alunos e isto deve ser algo que temos que ter cuidado ao montar um curso, pois não podemos fazer testes e ou experiências com EAD. Precisamos ter certeza que o material é o mais ideal possível.

Deve-se levar em conta, em um curso de EAD, o “ritmo próprio” individual. Cada aluno tem uma fase de aprendizagem, uma etapa, um conteúdo que desenvolve mais rápido que outro, cada um tem um ritmo.

Acredito que a estrutura organizacional e metodológica do curso sustentado em três pilares: compreensão do processo educacional, conhecimento das ciências e a prática pedagógica, engrandeceu ainda mais os cursos, pois ajudou a valorizar a habilidade de humanizar ou personalizar a aula.

Quando falamos em “ensino da música” podemos entender todas as abordagens necessárias para que o indivíduo assimile os elementos estéticos e técnicos da sintaxe musical, a ponto de conseguir atingir satisfatoriamente um objetivo predeterminado, seja ele tocar, criar, ou apenas ouvir conscientemente.

Também é bom esclarecer que quando me refiro às “novas tecnologias”, estou falando do binômio hardware/software, já que trata-se da base em que se apoiam todos os recursos (internet, áudio digital, protocolo MIDI) operacionalizados na implementação desta metodologia.

Nos dias de hoje, a validade/viabilidade do emprego de softwares na música (em todos os campos do músico) já deixou de ser o foco do debate, uma vez que já estamos no ponto de discussão de sua contextualização e metodologia. O assunto é atual, um tanto controverso e encontra-se ainda longe de cabais ou definidas, se é que podemos esperar semelhantes adjetivos aplicados aos fenômenos contemporâneos.

De início, convém apontar algumas maneiras pelas quais podemos abordar a aplicação do software em música. Como se trata de uma variante do tema “uso didático da máquina”, é forçoso que citemos os itens de tipologia aplicados a todos os softwares educativos que podemos dividir em:

1 – Tutoriais: softwares de produção trabalhosa, organizados na forma de “pacotes” instrucionais por meio dos quais a máquina funciona como dosador de informação, atendendo ao ritmo pessoal do estudante e dispensando, na maioria das vezes a presença do educador.

Baseados no sistema behaviorista de estímulo-resposta, atendem à finalidade de fornecer conteúdos curriculares bastante específicos. No campo da

música, deparamos muito pouco com o emprego de tutoriais, embora na modalidade do “ensino a distância” (via internet, por exemplo), possamos constatar essa prática em alguns sites.

2 – Exercício e prática: Entendidos como softwares pouco extensos e de programação simples. Sua base está na pedagogia estímulo-resposta (behaviorista) e seu objetivo é a fixação e recuperação de conteúdos.

Representam uma tendência expressiva dentro dos softwares de musicalização, uma vez que se aproximam de alguns aspectos presentes nas metodologias mais tradicionais de ensino da música.

3 – Jogo educativo: Sem confundir-se com os games propriamente ditos, já que estes últimos não partem de uma concepção educativa, os jogos têm a seu favor o elemento “motivação” implícito na pedagogia lúdica, o que nos remete ao cognitismo/construtivismo.

Exigem sofisticadas habilidades de programação, mas também, a supervisão de um educador, para que o estudo progrida e não se transforme numa mera competição “homem versus máquina”.

Até o presente momento, atendem majoritariamente à demanda de um público infantil, o que não impede a utilização dos mesmos princípios com os adultos.

4 – Ambiente simulado de aprendizagem: Provavelmente os mais complexos dentre os softwares educativos, uma vez que pretendem, por definição, simular ambientes ou aparatos (um piano ou uma orquestra, por exemplo) existentes no mundo real, com os quais o educando pode interagir e construir conhecimento como se estivessem no mundo “real”.

A grande vantagem destes softwares de nítida inspiração construtivista é a de não estarem presos às limitações de um ambiente específico (um local sem piano e sem orquestra, por exemplo) e a possibilidade de Ter uma performance avaliada em tempo real por um educador, ou em parceria camerística com colegas do outro lado do mundo via internet. Assim, esta parece ser a única modalidade que possibilita também uma vivência didática de base sociointerativista.

Essas quatro classificações são de uso corrente e obtive através da leitura de textos da Coordenadora do curso de Tecnologias Interativas Aplicadas à Educação da PUC/SP.

Devido à grande importância, sinto-me obrigada a mencionar dois aspectos importantíssimos. Primeiro a tendência atual é a de que encontraremos cada vez mais softwares que reúnam características oriundas de concepções educativas diferentes (o que pode ser ótimo) e até contraditórias (o que pode ser péssimo) e este fato aponta para a necessidade da participação de um educador musical especializado – e com domínio dos conceitos básicos de programação – em todos os projetos que visem à criação de novos produtos.

Segundo as metodologias educativas cognitivas baseadas no aprendizado de uma linguagem de programação ou sociointerativistas como é o “ensino a distância” propriamente dito (professor on-line) representam tendências da educação informatizada cuja ênfase não recai necessariamente sobre a atuação do software, e sim sobre a intervenção entre educando e ambiente de aprendizagem virtual. Portanto consideramos que não podem ser enquadrados nas questões que tangem ao âmbito do nosso estudo.

No tocante aos softwares específicos de educação musical, com respeito à “concepção de uso” a que se destinam, identificamos basicamente duas vertentes de aplicação:

- Os softwares de apoio à musicalização inicial de crianças e/ou adultos;
- Os softwares especializados no treinamento de músicos.

O primeiro está mais ligado ao ensino formal, com uma característica lúdica, com um tom meramente recreativo. Este não importa comentar no momento por estamos elaborando uma proposta pedagógica de nível superior.

Já o segundo software, sua concepção busca, com maior ou menor grau de embasamento pedagógico, oferecer recursos práticos e eficientes para que os músicos – aspirantes ou atuantes – desenvolvam as habilidades específicas exigidas pela profissão.

Na elaboração da proposta de ação educativa apresento resumidamente uma síntese do projeto do Curso Superior na área de Música (Bacharelado ou Licenciatura)-EAD, o qual estou programando, contemplando o desenvolvimento humano nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas.

Os cursos de graduação na área de Música têm, historicamente, sido voltados à formação do músico erudito. As IES – Instituições de Ensino Superior Brasileiras têm oferecido duas modalidades de cursos na área : um que o professor de música (Licenciatura em Educação Artística - Habilitação Música ou Licenciatura específica em Música), e outro que forma o músico executante e o músico compositor (Bacharelado em Música em suas diversas habilitações: piano, violão, violino, regência, composição, entre outros).

A formação do profissional de música tem sido desenvolvida segundo o Currículo Mínimo para os Cursos de Música, fixado na Resolução Nº 10, de 10 de outubro de 1969 do CFE/MEC, estabelecendo matérias comuns e específicas para cada curso, as quais serão utilizadas como base no curso que está sendo programado:

**Matérias Comuns : Estética e História das Artes**

**Matérias Específicas:**

- a) Instrumento: Instrumento; Canto; Fisiologia da Voz; Canto Coral;
- b) Licenciatura em Música: Iniciação Musical; Regência de Banda, Coro e Orquestra; Técnica Vocal; Matérias Pedagógicas;
- c) Composição Regência: Harmonia Superior; Contraponto e Fuga; Prosódia Musical;, Instrumentação e Orquestração, Composição e Regência;
- d) Arte Lírica: Prática de Montagem e Ensaio de Ópera.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 5692 e a Resolução Nº 23/73 que fixou o Currículo Mínimo do Curso de Educação Artística - Habilitação Música, a formação do professor com habilitação em Música passou a integrar grupo de Educação Artística, nas suas diversas habilitações: Música, Artes Visuais, Desenho e Teatro. Em muitas IES, a Habilitação em Música passou a ser gerenciada pelos Departamentos de Artes e não especificamente pelos de Música.

Segundo dados do Ministério de Educação, existiam em 1994, 41 cursos de Bacharelado em Música, sendo a maioria localizada na Região Sudeste (58,5%). Não existem dados precisos quanto ao número de cursos de Licenciatura em Educação Artística - Habilitação Música, ou mesmo de cursos de Licenciatura em Música.

Os egressos dos cursos de Música, dependendo da ênfase escolhida, têm sido profissionais capacitados para atuarem como músicos solistas e de orquestra, como professores de instrumento, como compositores, e como professores do ensino Básico, bem como de escolas especializadas. Uma parte dos egressos encontra-se capacitado para ingressar em cursos de Pós-Graduação. Porém a Lei Nº 3.857, de 22 de dezembro de 1960 que cria a Ordem dos Músicos do Brasil prevê no Artigo 29, o exercício da profissão de músico para as categorias de:

a) compositores de música erudita e popular;

b) regentes de orquestra sinfônicas , óperas, bailados , operetas, orquestras mistas, de salão, ciganas, jazz, jazz-sinfônico, conjuntos corais e bandas de música;

c) diretores de orquestra ou conjuntos populares;

d) instrumentistas de todos os gêneros e especialidades;

e) cantores de todos os gêneros e especialidades;

f) professores particulares de música;

g) diretores de cena lírica;

h) arranjadores e orquestradores;

i) copistas de música.

O nível de excelência profissional dos egressos das IES depende não só do seu respectivo curso de graduação, como também da sua formação prévia em música. Como no Brasil a formação pré-universitária do músico se dá nas escolas especializadas e particulares, não há como garantir um perfil qualificado dos formandos. Para tentar sanar este tipo de problema, muitos cursos de graduação têm implantado uma prova específica de caráter eliminatório e criado cursos de extensão preparatórios que, conjuntamente com o Concurso Vestibular, garantam o

cumprimento de um currículo e da estipulação de critérios de avaliação dos processos de ensino e aprendizagem

Quanto ao perfil do corpo docente dos cursos de graduação, pode-se estimar que, a partir da década de 80, o nível de capacitação docente tem se elevado graças ao investimento das agências de fomento à pesquisa (CAPES e CNPq) e ao surgimento dos Cursos de Pós-Graduação em Música no país.

Atualmente existe uma concentração de mestres e doutores nos cursos de música das Regiões Sul, Sudeste e Nordeste, devido à concentração de cursos de Pós-Graduação nestas Regiões. Nas demais Regiões, são poucos os cursos que possuem um corpo docente com esta titulação. Mesmo nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, a área ainda carece de profissionais com doutorado nas mais diversas sub-áreas do ensino da música, situação esta que tende a ser minimizada na medida em que as agências de fomento como CAPES e CNPq financiam programas de pós-graduação em nível nacional e oferecem bolsas de estudo para cursos de pós-graduação no exterior.

Devido ao surgimento de novas tecnologias de produção e reprodução musical, de novas demandas do mercado de trabalho e de uma nova era marcada pela competição e pela excelência, o Currículo Mínimo de 1969 encontra-se bastante defasado e em discordância com a divisão da área de Música em sub-áreas. Eis a necessidade de serem criadas novas Diretrizes Gerais, as quais estejam em concordância com a nova Lei de Diretrizes e Bases de Educação nº 9.394/96, e atendam o desenvolvimento da área de Música no Brasil e exterior.

As Diretrizes Gerais não devem ser entendidas como a determinação de uma estrutura curricular rígida que estabeleça conteúdos e disciplinas fixas, seriadas e obrigatórias, e nem como a determinação de um currículo mínimo estanque e inflexível. Ao contrário, elas em concordância com a nova LDB, têm como propósito determinar objetivos acadêmicos amplos e que orientem os cursos superiores na área de Música para a construção de currículos inovadores. Estes devem atender especificidades regionais, vocações específicas de cursos, e mercados de trabalho diversificados.

Destaco como Diretriz Geral do Curso de Música-EAD, os seguintes objetivos:

- Estimular o desenvolvimento de competências artísticas, pedagógicas e científicas, envolvendo o pensamento reflexivo.
- Propiciar o desenvolvimento, a divulgação e a apreciação da criação e da execução musicais.
- Formar profissionais aptos a participarem do desenvolvimento da área e a atuarem profissionalmente nos campos musicais instituídos e emergentes.
- Formar profissionais com competência musical e pedagógica para atuarem de forma articulada na rede de ensino fundamental e médio, bem como em instituições de ensino específico de música.
- Viabilizar a pesquisa científica e tecnológica em música, visando a criação, compreensão e difusão da cultura e seu desenvolvimento.

A partir desta área de conhecimento, o Curso de Música pode oferecer habilitações científicas, entre as quais destaco sub-áreas de formação de recursos humanos, as quais poderíamos chamar de habilitações:

1. Práticas Interpretativas, compreendendo Instrumento/Voz e Regência.
2. Composição
3. Educação Musical
4. Música Popular
5. Tecnologia em Música
6. Musicoterapia

Algumas dessas sub-áreas não estão contempladas na Lei Nº 3.857 de 1960, da Ordem dos Músicos do Brasil (que dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de músico), pois a mesma reflete a realidade daquele momento histórico. Assim pode-se observar que, no âmbito deste Curso as propostas são mais amplas e inovadoras.

Este curso de Música – EAD tenta superar a necessidade de atualização e aprimoramento dos cursos de Música em geral. A principal justificativa para este curso são as exigências sociais e pedagógicas da educação em formar a cada dia mais pessoas com habilidades musicais. Também podemos lançar como justificativa a questão das aulas serem em grande parte a distância, tornando-o acessível para as pessoas impossibilitadas de participarem de cursos presenciais.

Este curso é aberto à músicos, cantores, instrumentistas, regentes de coral, banda e orquestra, artistas, jornalistas e até para apresentadores de TV e rádio, pois possuem disciplinas específicas de comunicação e interpretação. O Curso será oferecido anualmente, com no máximo 20 vagas, por se tratar de um curso quase que totalmente individualizado.

O tempo de conclusão para o Cursos de Música é fixado, em semestres, levando em conta a maturação dos alunos diante dos conhecimentos adquiridos. Recomenda-se que os cursos de Música nas modalidades Bacharelado e Licenciatura tenham uma carga horária mínima de 2.160 horas, as quais devem ser integralizadas em um tempo mínimo de 8 semestres, médio de 10 semestres e máximo de 12 semestres. O Curso que estou elaborando tem 10 semestres e 2.300 horas, sendo que 1.200 horas são a distância. Em resumo diria que o curso é organizado “sob medida” para cada aluno e o aluno também é responsável para decidir os caminhos que quer seguir.

As aulas são “práticas” e desenvolvidas de forma “individual”, onde são trabalhados todos os objetivos específicos do curso, sempre sob orientação do professor da referida disciplina ou grupo de disciplinas. Individualmente e em casa, o aluno passará as partituras com o apoio dos recursos didáticos a ele oferecidos (citados abaixo), os quais já foram previamente elaborados e classificados pelo professor organizador, sempre respeitando a individualidade de cada aluno, sem nenhuma tentativa de forçar o aluno a demonstrar o mesmo desempenho em todas as áreas acadêmicas.

Podem ser utilizados os seguintes recursos didáticos:

- CD e fitas de grandes intérpretes do presente e passado;
- Vídeos interativos;

- Todos os Instrumentos Musicais;
- Computador;
- Kit Multimídia;
- Internet;
- Aparelho de som;
- Televisão;
- Micro fone.

Enfatizo que os ambientes de aprendizagem e de trabalho devem ser ricos em apoios tecnológicos de todos os tipos, porque tais apoios permitem formas de aquisição de conhecimento mais ricas e mais eficazes do que as formas tradicionais.

De acordo com a LDB (Art. 47, par. 2), deve-se possibilitar aos alunos que "tenham extraordinário aproveitamento nos estudos, demonstrado por meio de provas e outros instrumentos de avaliação específicos, aplicados por banca examinadora especial, poderão ter abreviada a duração dos seus cursos, de acordo com as normas dos sistemas de ensino".

Alguns temas transversais podem perpassar todas as sub-áreas. Entre eles estão a ética, a administração de conjuntos, temas estes que um currículo poderia contemplar, abrangendo assim a formação do profissional em Música. Seguindo uma tradição internacional, e que já se consagra nacionalmente com a maturidade dos cursos de Pós-Graduação em Música, a sub-área de Musicologia ocuparia o seu lugar mais apropriado na Pós-Graduação. A formação do musicólogo não prescinde da formação acadêmico-musical em uma das sub-áreas aqui delineadas, sendo complementar a elas e revestindo-se de grande especificidade.

Deve-se salientar que a presença de temas transversais na graduação garantem a interdisciplinaridade e a integração de temas novos, atendendo também realidades específicas e contextos de mercado de trabalho particulares.

O sistema de avaliação é realizado semanalmente, mensalmente e também bimestralmente. Como o programa deste curso é em grande parte a distância, as avaliações também em grande parte são a distância. Os programas de Multimídia e Internet, os mesmos são programados de forma que o professor orientador, possa

saber a distância, em que momento de estudo o aluno está, através de avaliações realizadas via Internet, das partituras pelo aluno repassadas. Pois os programas são passo a passo programadas a avaliarem o aluno, ou seja o aluno só vai adiante se o referido programa autorizar. Este sistema é baseado no sistema behaviorista de estímulo-resposta, atendendo à finalidade de fornecer conteúdos curriculares bastante específicos.

O planejamento deste Curso partiu do princípio básico, de que os currículos da área de Música devem estar apoiados em um núcleo comum de sete campos de conhecimentos, comum às sub-áreas. Este núcleo comum tem a função de garantir à formação musical uma identidade de princípios e a maior abrangência possível de conhecimentos.

Entende-se por campos de conhecimentos, no contexto deste Curso, o conjunto de saberes específicos e interdisciplinares, que particularizam e dão consistência à área de Música. Neste sentido, os campos de conhecimento comuns à todas as sub-áreas estão compostos por:

1. Campos de Conhecimento Instrumental (Instrumento/Voz, Regência)
2. Campos de Conhecimento Composicional
3. Campos de Conhecimento de Fundamentos Teóricos
4. Campos de Conhecimento de Formação Humanística
5. Campos de Conhecimento Pedagógico
6. Campos de Conhecimento de Integração (estágios, práticas de ensino, outras aplicações)
7. Campos de Conhecimento de Pesquisa

O Núcleo Comum a todas as Habilitações, compreende os conjuntos de disciplinas com ênfases diferenciadas para desenvolver as habilidades específicas a depender da Habilitação e Modalidade do curso pretendido. A seguir, está definido de maneira abrangente, o campo de conhecimento instrumental. Centrado no item da Voz, desenvolverei a proposta de intervenção educativa.

## (1) Campos de Conhecimento Instrumental (Instrumento/Voz, Regência)

Este campo de conhecimento integra as seguintes formações:

- a) Instrumento (solista ou camerista);
- b) Regência (de orquestra, banda, coro e outros conjuntos).

Como parte da formação do músico, pode-se incluir estudos relacionados a análise aplicada a estilos, repertórios, e interpretação musical.

Para que o graduando em música atinja a sua diplomação, independente da habilitação escolhida, é fundamental a prática de um instrumento ou de canto. O nível de aprofundamento nos campos de conhecimento instrumental deve ser de acordo com a habilitação em questão, não devendo ser confundido com aqueles conhecimentos específicos que caracterizam a sub-área de Práticas Interpretativas.

Esboço um breve resumo da distinção entre as modalidades de uso, estas pertencentes aos softwares específicos para ensino/aprendizagem de música, utilizados durante todo o curso:

- Desenvolvimento da performance vocal/instrumental – presente desde os primórdios do uso educativo do software musical e incrementado em grande medida pelos avanços dos microprocessadores e do protocolo MIDI. Explica-se: a necessidade de conectar o usuário/aprendiz ao Hardware exige dispositivos especiais que integrem a execução instrumental (controlador MIDI) e vocal (microfone). Podemos enquadrar neste caso também os softwares para treinamento de regência coral/orquestral.

- Aquisição de conceitos técnicos e/ou informações estético/históricas pertinentes – tal como no ensino tradicional de música, são indispensáveis para que a prática musical deixe de ser uma simples execução de notas para ganhar o status de “interpretação”. Tais conceitos podem ser assimilados por meio de mecanismos simples como apresentações multimídia e triviais, mas também por meio de poderosos softwares de análise musical.

- Treinamento da prática composicional – englobando produtos que não podem ser confundidos com os softwares de prática composicional, uma vez que

limitam claramente as possibilidades criativas do aprendiz de compositor/arranjador, oferecendo-lhe o apoio de clichês automatizadas.

- Desenvolvimento da percepção auditiva – papel desempenhado por vasto número de programas, em várias plataformas, com vários graus de complexidade multimídia, de interatividade e mecanismos avaliativos de desempenho.

O treinamento da percepção musical sempre exigiu uma prática insistente e repetitiva, por vezes assumindo um certo caráter “mecânico” que, juntamente com a pressão do professor, propiciava a criação de bloqueios psicológicos nos praticantes. O uso do computador nesses casos parece suavizar essa aridez, viabilizando o que poderíamos chamar de um "autodidatismo (relativamente) seguro”.

A parte teórica da Voz é a parte inicial da disciplina, onde o aluno segue no seu próprio ritmo de leitura. Tarefas e dúvidas são trocadas por e-mail com os professores tutores e também é possível exercitar estes conhecimentos nas salas de bate-papo específicas das disciplinas teóricas, onde são marcados dias e horários para os alunos participantes estarem conectados, juntamente com os tutores, os quais também utilizam estes momentos para iniciar a avaliação dos alunos.

Os textos teóricos os alunos encontram em sites indicados pelo professor tutor. Estes sites possuem indicações de outros sites com textos diversos, ficando para o aluno determinar o grau de conhecimento que ele quer adquirir, pois os textos possuem a indicação de obrigatórios e complementares.

Após a conclusão da parte teórica da disciplina – Voz , com a avaliação teórica, o aluno passa a parte prática da referida disciplina. Na parte prática da disciplina acontece o que foi exposto no início, sobre o Ambiente Simulado de Aprendizagem.

Esta parte possui um programa específico desenvolvido para ser trabalhado diretamente no computador – em casa, no trabalho, onde quer que seja. Este programa poderá ser baixado da internet ou o aluno adquire um CD e executa em seu micro. Se o aluno não possuir computador haverá também um CD só de áudio, para ser executado em um aparelho comum, onde o aluno somente ouvirá a escala, neste caso a avaliação acontece diretamente com o professor.

A parte da disciplina Voz é prática e consiste na execução de escalas, sendo que a reprodução das notas acontece através do áudio e o aluno repete com o microfone a referida escala. Ao mesmo tempo que esta escala é repetida acontece também a avaliação. O aluno só irá passar para a escala seguinte após a avaliação positiva do micro, ou seja, o aluno só irá para a escala seguinte se a escala executada estiver dentro do tom desejado. Após a execução e avaliação de todas as escalas o aluno passa então para as partituras selecionadas pelo tutor.

O programa desenvolvido para este módulo (disciplina) determinará que o próprio teclado do micro se torna um teclado do piano. Se o aluno tiver dúvida no tom inicial da escala ele pode utilizar-se de um ícone para executar o tom da nota desejada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração desta Monografia, levei em conta os seguintes fatores:

- a) buscar o equilíbrio entre atividades teóricas e práticas na distribuição da disciplinas;
- b) propiciar aos graduandos a participação em projetos de pesquisa e/ou extensão;

No caso da Licenciaturas:

- a) distribuir as atividades práticas ao longo do curso;
- b) garantir que a supervisão dos estágios seja realizada por docentes;
- c) ampliar o espectro das experiências pedagógicas em instituições escolares e não-escolares.

Tanto para o Bacharelado quanto para a Licenciatura em Música, observei em todos os momentos a interdisciplinaridade e a questão das novas tecnologias, pois só assim temos um curso de futuro.

Para mim as propostas de padronização são algo do passado, acredito que cada Instituição, cada Curso, seja em uma escola de preparação ou em uma Universidade, tem a obrigação de elaborar e executar uma configuração ou sua proposta pedagógica.

Fico preocupada quando vejo a crescente adoção, por escolas brasileiras, de pacotes completos e padronizados, preparados por empresas distantes. Sinto como disse Fredric Michael Litto, uma certa “Macdonalização” da educação, que acaba obrigando o professor que atua numa escola que adota o pacote, a se tornar um balconista, em vez de um mestre-cuca.

Não faz sentido exigir um diploma de Curso Superior de um professor que não tenha competência ou oportunidade para “desenhar” um plano de aula ou um currículo. Se acreditamos que o professor é a peça fundamental no relacionamento com o aluno e com sua aquisição das capacitações necessárias para a

aprendizagem, temos que preservar o espaço criativo do professor, cada professor, cada grupo de professores, em cada escola ou universidade. Do mesmo jeito que aceitamos a idéia que cada ser humano tem um “estilo personalizado” de aprender, temos que admitir que cada grupo de professores que compõe o corpo docente de uma entidade educacional tem o direito e a obrigação de fazer o “plano arquitetônico” da aprendizagem da sua Instituição.

Há uma mudança no papel do professor, em vez de ser o responsável pela transferência do conhecimento, passa a ser o responsável pelo “desenho” das atividades a serem realizadas pelo aluno, tendo o aluno um papel de ter a iniciativa da busca dos conhecimentos ou seja, parte do aluno a vontade de aprender determinados conteúdos, tendo um papel ativo.

O futuro está em nossas mãos, pois a metodologia da educação a distância não é tão nova assim. Tem pelo menos 200 anos, daí não é estranha à realidade de um país de cultura milenar como a China, que hoje treina 1,5 milhões de trabalhadores via satélite.

Trata-se, sim, de um conceito renovado, agora com dois aspectos essenciais:

- emprego de novas tecnologias de comunicação interativa,
- veloz avanço da informática na educação, para colocar a tecnologia à disposição dos alunos.

Há uma preocupação básica e permanente, que é evitar que o projeto se transforme num desvario pedagógico de facilidades. Ao contrário, a sua certificação deverá ser rigorosíssima, a partir mesmo da autorização oficial para os experimentos, em que o Conselho Nacional de Educação certamente é chamado a participar. Ao apoiar esse ou aquele projeto, não pode abdicar do acompanhamento de perto, a fim de garantir que não haverá um malsinado supletivo de terceiro grau.

A nova Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional valoriza a educação continuada, enfatiza e incentiva também o trabalho - programas de ensino a distância em todos os níveis e modalidades de ensino, com isto está mais que claro que é viável uma Instituição de Ensino Superior iniciar um curso como programado nesta Monografia, o qual é o futuro da Educação .

O sistema de ensino através da tecnologia é algo que está aí e é real, não tem mais retorno, só tende a ser aperfeiçoado. Não é uma questão de escolha, é algo que está crescendo, dominando a educação e apresentando a cada dia mais pontos positivos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, Vianey. **Novos Rumos da Licenciatura**. Rio de Janeiro: PUC, 1988. Reletório de Pesquisa.
- CONSONI, Marciel. **ABC Do Ré Mi Fá**. Editora Moderna. São Paulo, 2.000.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96**, de 20/12/96. Brasília.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Criação Histórica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade**. Texto publicado em O Jornal “A Razão”. Rio Grande do Sul, em 01.07.1999.
- DRYDEN, Gordon; VOS, Jeannette. **Revolucionando o Aprendizado**. São Paulo: MAKRON Books, 1996.
- FAZENDA, I. C. Antonio. **Fundamentos de uma prática interdisciplinar a partir da tese “Interdisciplinaridade: um projeto em parceria”**. ANDE nº 19, 1993.
- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. **Produção de Material Didático em Música – Informática aplicada à Teoria e Percepção Musicais**. In: Anais do 4º Simpósio Paranaense de Educação Musical, Londrina, 1995.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976.
- KRÜGER, Susana Ester. **Análise de Softwares de Educação Musical quanto a sua compatibilidade ao ensino do piano**. Monografia Especialização em Educação Musical – EMBAP, Curitiba, 1996.
- LÉVY, Pierre. **Inteligência Coletiva**. Página da WEB de Gustavo Cunha. Disponível em <http://www.abordo.com.br>.
- \_\_\_\_\_. **As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do pensamento na era da Informática**. Editora 34, coleção trans, 1993.
- MEISTER, Jeanne. **Educação Corporativa**. São Paulo: MAKRON Books, 1999.
- MENTOR Tecnologia, **Manual Prático para Planejamento de sistemas Instrucionais**. Curitiba, 1999.
- Resumo do Fórum Paranaense em Defesa da Escola Pública, Gratuita e Universal**. Secretaria da Imprensa e Divulgação da APP-Sindicato. Gráfica e Editora Popular. Curitiba, 1997.

SENGE, Peter. **A Quinta Disciplina: caderno de campo: estratégias e ferramentas para construir uma organização que aprende.** TRAD. Antônio Roberto Maia da Silva, Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 1995.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Existencialismo e educação. Educação – concepções e teorias.** Coord. Org. Jair Fonzar. Curitiba : UFPR, 1982.